

REDACTOR PRINCIPAL * * * * *
Alexandre Vieira
EDITOR * * * * *
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional

Oficinas de impressão - R. da Atalaia, 134

(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º

End. teleg.: Talhada - Lisboa * Telefone: ?

Delegados sindicais

A União dos Sindicatos Operários do Porto resolveu, na assembleia magna que realizou em 2.º do corrente mês, «defender nas assembleias gerais o criterioso princípio de que doravante a escolha dos delegados à U. O. N. e U. S. Q. seja escrupulosa, de maneira que os mesmos delegados desempenhem conscientemente a sua espinhosa missão colectiva, tratando com inteligência e convicção os problemas constantes da vida económica, profissional e social.»

Congratulamo-nos sobremodo com essa resolução da assembleia magna da União dos Sindicatos Operários do Porto e felizes nos consideraríamos se ela fosse tomada na merecida conta não só pelo operariado organizado do Norte, mas também pelo do Sul, posto que no Norte como no Sul raros são os sindicatos que põem o necessário cuidado na escolha dos seus representantes às organizações centrais ou locais, o que bastante tem concorrido para que, por vezes, haja dificuldade em encontrar em qualquer dessas importantes organizações os elementos necessários ao estudo de problemas que amuie são postos e à realização de trabalhos que requerem da parte de quem tem que os levar a cabo conhecimentos mais que rudimentares.

E como escrevemos o que sentimos, diremos que o apelo que a U. S. O. do Porto vem de dirigir aos sindicatos tem sido feito, sem resultados apreciáveis, — digamos toda a verdade — pela 1.ª secção da U. O. N., quer em documentos dirigidos às associações, quer em reuniões do conselho central, quer ainda nas conferências e nos congressos.

Quem estas linhas escreve, tem reconhecido a imperiosa necessidade das associações operárias porem o mais meticoloso cuidado na escolha dos seus representantes, e se assuntos há que lhe tem merecido interesse, ésta considera dos mais sérios e tem-lhe despertado uma atenção especial, não só adentro desses organismos, mas também na imprensa operária, onde por vezes o tem agitado.

Vai longe o tempo em que as instituições operárias se moviam numa esfera de ação limitada a estreitíssimos âmbitos. Hoje, mercê dos progressos que registamos, carecemos de possuir, não apenas *in nomine*, mas de facto, instituições que rivalizem com as da classe oposta, e semelhantes instituições, para desempenharem cabalmente o seu papel, não podem limitar-se a fazer publicar notas nos jornais dizendo que reúnem regularmente, o que nem sempre é verdade, mas a estudar inteligentemente os problemas que dia a dia surgem, alguns deles demandando conhecimentos de tal ordem que poucos são os militantes que se acham habilitados a fazer-lhes face.

Ora se se reconhece que isto é assim, e se simultaneamente se reconhece que as exigências actuais da organização não podem comparar-se as de há uma dezena de anos atrás, porque é que os sindicatos operários não há de pôr o mais extremo cuidado na seleção dos seus elementos de trabalho, enviando para as instituições principais os seus mais activos e mais esclarecidos elementos?

Uma organização vale o que valem os seus componentes. Não se pode esperar dum organismo mal constituído uma ação perfeita, motivo porque os sindicatos não tem o direito de exigir, por exemplo, que a central dos sindicatos e as uniões locais se abalem a empreendimentos de alta transcendência quando previamente não hajam mandado para tais organismos os seus melhores militantes.

Temos estranhado a ausência nesta redacção alguns colegas a quem regularmente enviamos *A Batalha* e ainda nos não deram a honra da permuta. A má fama de que gosam os sindicalistas terá talvez amedrontado aquela parte da imprensa que nos não visitou ainda. Pois não se assustem os pressos colegas: o sindicalismo não exclui a cortezia, e nós temos cá já preparados os ganchos onde desejarmos gostosamente pendurá-los, a esmaltar as paredes da nossa modesta sala de redacção.

Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operário.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Fósforos

Mau foi que tivéssemos mexido no assunto, porque agora nos não largam de mãos os reclamantes. Um destes enviou à nossa redacção três caixas de fósforos de cera, das de 4 centavos, três famosas caixinhas muito bem encadernadas, umas frescas reproduções de Salons nas tampas, com um razoável recheio de grossas hastes bem encabeçadas, três caixas notabilíssimas que fariam a honra e a glória da Companhia se não fosse o facto de não acenderem os fósforos. Fricciona-os a gente com a devida vénia, e eis que as cabeças entram numa combustão sem chama, fscit, logo terminada num fumosinho fétido atirado às narinas do desapontado consumidor. Quem quiser verificar não tem mais que chegar cá. Ora não era nosso desejo desmentir o engenheiro da Companhia que há dias nos procurou alegando ser a falta de madeiras próprias a causa da má qualidade dos fósforos. Mas o certo é que, com o facto relatado, outras causas nos surgem. Porquanto, não tendo os fósforos de cera o palito em madeira, forçoso é concluir que o defeito está como nos parecia, na cabeça e não no pau.

Remédio santo

Descobriu o dr. Melo Breyner, e da sua descoberta deu já parte à Academia das Ciências de Lisboa, que o empregado do arsenício evita que os doentes morram de gripe. O arsenício é um excelente medicamento e das suas virtudes tem aproveitado, desde tempos imemoriais, os ratos domésticos, aos quais é de uso dar-se a mirifica substância, também para evitar que elas morram... de velhice. Pois o dr. Melo Breyner, mal lhe bacoreja, que algum dos seus clientes está em risco de ser atingido pelo gripe, ministre-lhe, sem mais aquelas, uma panada de arsenício, e fica garantido que o paciente não morrerá — senão do remédio. Dando também a nossa contribuição à ciência, ajuntaremos que só uma eficácia igual ao do arsenício, como preventivo da gripe, os mata-bichos do sítio de estreinina, as quedas de 5.º andar à rua, e os atropelamentos por comboio expresso.

Abstinência

O sr. José Monteiro da Costa escreve à Capital combatendo não só o abuso mas também o uso das bebidas alcoólicas, e insurge-se ainda contra o próprio vinho, cujo consumo alguns, e até uma Academia Scientifica francesa, acham conveniente, parecer com que os taberneiros em absoluto concordam. Pesa o sr. Costa os prós e os contras da abstinção do fabrico do vinho e pregunta:

«Então o vinho recompensará o mal que nos faz, mesmo que o exportemos para fora?»

Não recompensa, pode estar certo o sr. Costa. Quando os amadores se vêem na angustiosa contingência de exportar para fora a mercadoria que mal-precadamente ingeriram, não encontram no alívio assim obtido suficiente compensação das alegrias em que se viram:

Salada Insulana

Acaba de organizar-se no Funchal um novo partido, com programa e tudo, pomposamente chamado *trabalhista*, «um partido de ordem, dizem os organizadores, que estará sempre pronto a defender a Liberdade e a Justiça, ensinando, quando julgar prudente e necessário, ao lado dos partidos da República, para a consecução dos seus fins honestos», etc., afirmações tanto mais dignas de crédito quanto é certo ser um dos fundadores da nova facção o ex-deputado democrático Pestana Junior, de trânsito por vários partidos, e até com fogosas afirmações anarquistas no acto.

Uma resolução muito acertada dos madeirenses, porque em verdade do que nós mais precisados estávamos era de partidos. Mas o curioso do caso é que foi a União dos Sindicatos Operários do Funchal uma das entidades organizadoras do «trabalhismo» e com o novo partido anda embrulhada, em redinhas conjuntas, em resoluções comuns — uma salada russa, que não nos deixa perceber se as organizações operárias da Madeira ficam doravante constituidas em agências políticas, onde não tem portanto cabimento os trabalhadores que com a nova chafarica desengracaram, no uso dum pleníssimo direito. O Partido Trabalhista... Pois vamos lá ver em que isso dá.

Permutas

Temos estranhado a ausência nesta redacção alguns colegas a quem regularmente enviamos *A Batalha* e ainda nos não deram a honra da permuta. A má fama de que gosam os sindicalistas terá talvez amedrontado aquela parte da imprensa que nos não visitou ainda. Pois não se assustem os pressos colegas: o sindicalismo não exclui a cortezia, e nós temos cá já preparados os ganchos onde desejarmos gostosamente pendurá-los, a esmaltar as paredes da nossa modesta sala de redacção.

Fazer uma propaganda activa em favor do nosso jornal é o dever de todo o operário.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Maus tratos aos presos

A polícia cometeu, com a complicitade dos seus superiores, as mais horroresas barbaridades

Ouvindo a odisseia do nosso velho camarada António José de Ávila.

guiaram nesta proeza. Um é o nº 874; o outro não conseguiu ver-lhe o número.

— Depois de atravessar o pátio foi para o calabouço, não é verdade?

— Não, não. Ao fim do pátio e mesmo ao ar livre, estava um grupo de oficiais, entre eles o capitão Pimentel, a cuja presença não conduziram. Levava então as mãos sobre o ventre, pois os pontapés

que nesta região tinha levado causavam-me um sofrimento insuportável. Um

dos oficiais perguntou-me se sofria de alguma coisa. Respondi que sim, que na verdade padecia há muitos anos dos intestinos; mas que o meu maior sofrimento era na cabeça e nos rins; e se ele

tivesse curiosidade em saber os motivos desse sofrimento, que interrogasse o guarda que me acompanhava porquanto

que neste tempo pudesse esclarecer-l-o.

— E que fez o oficial?

— Fingiu não ter percebido e continuou conversando com os outros. Nesta ocasião houve alguém no grupo que fez uma alusão aos meus *perversos sentimentos*; mas não me recordo bem o que foi nem os termos em que foi feita a alusão.

Só então reparou que estava presente o sr. Manuel Inácio Ferraz, a quem

eu duma vez tinha livrado dum

situação difícil, por ocasião dum reunião tumultuosa no «Centro 27 de abril», em que consegui, com a minha intervenção, acalmar os ânimos. Voltei-me para os oficiais e disse-lhes que pedissem àquele

que convém frisar... E não tornou a ser espacado?

— Não. Nunca mais me espacaram.

No dia seguinte passaram-me para Mon-

santo onde os presos eram tratados mais

humanamente. Os presos políticos e por

questões sociais. Porque os desgraçados

dos presos de direito comum todas as

noites eram tremendamente sovados. E

para que se não ouvissem tão pitidamente

os gritos e gemidos desses infelizes,

que talvez pudesse esclarecer-l-o.

— E que fez o oficial?

— Fingiu não ter percebido e continuou

conversando com os outros. Nesta

ocasião houve alguém no grupo que fez

uma alusão aos meus *perversos sentimentos*; mas não me recordo bem o que foi nem os termos em que foi feita a alusão.

Só então reparou que estava presente o sr. Manuel Inácio Ferraz, a quem

eu duma vez tinha livrado dum

situação difícil, por ocasião dum reunião

tumultuosa no «Centro 27 de abril», em que consegui, com a minha intervenção, acalmar os ânimos. Voltei-me para os oficiais e disse-lhes que pedissem àquele

que convém frisar... E não tornou a ser espacado?

— E que fez o oficial?

— Espere. A' saída veio um outro

guarda, correndo atrás de nós, e recorreu

muito terminantemente ao meu

alço que me não tornasse a bater, o

que atribui à intervenção do tal sr.

Ferraz.

— E o guarda cumpriu com as ordens

recebidas?

— Quasi... Só me deu mais um

pontapé nas canelas, ao passar por um cor-

dor mais escondido. Entregou-me en-

tão a outro guarda que se fartou de me

bater até à entrada do calabouço. Ia-

mos passando de frente dos portas dos

outros calabouços e as pancadas eram

tantas que os próprios presos protesta-

vam indignados, apesar de já estarem

acostumados a cenas semelhantes. Fi-

nalmente fui metido num calabouço, que

sendo destinado a dez pessoas, continha

quarenta e cinco presos. Passada uma

hora vieram de novo buscar-me, para ser

levado a um gabinete onde estavam

umas seis pessoas. Entre estes den-me

nas vistas um coronel, todo coberto de

medalhas, que assistiu ao interrogatório.

— E quem o interrogou?

— Foi um sujeito magro, de óculos e

olhar vivo, que depois me disseram ser

o próprio capitão Tamagnini Barbosa,

ao tempo presidente do ministério.

— E como o trataram aí?

— Muito delicadamente.

— E sobre que incidiu o interrogatório?

— Primeiro falaram-me dos manifestos

que me tinham apresentado e da greve.

Pretenderam saber se naquela greve

andariam metidos elementos políticos,

especialmente democráticos. Vi-me obriga-

do a explicar-lhes que o operariado

não tinha, nunca teve, nem queria vir a

ter entendimentos com políticos fossem

estes quais fossem. Os políticos, disseram,

pretendem servir-se do operariado

enquanto estão na oposição, para con-

seguirem escalar o poder. Uma vez lá

em cima acimam-nos de desordeiros e

nunca mais se preocupam senão de mes-

quinhas questões partidárias que em

nada interessam à grande massa tra-

balhadora.

— E eles?

— Aprovaram a doutrina.

— Puderam se ao tempo estavam no

poder... E depois?

— Falaram-me então mais uma vez

que me foi encontrada na al-

gebrina, sobre a revolução russa.

— Então pelo visto isso preocupava-o

VIDA CARA E DIFÍCIL

A questão das subsistências

"Pode afirmar-se, sem risco de errar, que o problema das subsistências modificará a maneira de ser política económica e social dos povos"

De novo procuramos o administrador geral dos mercados, sr. José Nunes, a fim de que alguma coisa nos dissesse acerca do abastecimento de Lisboa por intermédio desses estabelecimentos municipais.

A nossa pregunta sobre a utilidade pública resultante dos mercados municipais, disse-nos:

— Para o público, os mercados municipais devem constituir um celeiro onde, rápidamente, se abasteça de géneros alimentícios a preços modestos, compatíveis com os seus recursos materiais.

— Os mercados municipais teem tido grande desenvolvimento?

— O seu desenvolvimento tem sido na realidade agradável. No curto espaço de dez meses, que vão de Março a Dezembro de 1918, a gerência dos mercados municipais assimilou-se com efeitos resultados. Assim, o rendimento do mercado 24 de Julho, que, em 1917, foi de 11.000\$00, em 1918 alcançou 20.000\$00; e do mercado de Santos, que tinha sido de 34.000\$00, alcançou 43.000\$00; o de Belém, que é de pouco movimento, ainda assim excede o rendimento de ano findo. O da Estefânia, que está em organização, é de crer que uma vez terminada a sua construção, muito influi nos rendimentos municipais, pensando-se ainda na construção de um novo mercado de peixe, junto ao rio, na Ribeira Nova, que trará incalculáveis benefícios para o público de Lisboa.

A questão da hortaliça e o abastecimento de Lisboa

— E que pensa acerca do abastecimento de Lisboa?

— Falei-lhe o outro dia na questão do peixe. Hoje vou dizer-lhe alguma coisa sobre a questão da hortaliça, que não é menos para ponderar.

Vem-se constatando que, pouco a pouco, a urbanização dos arredores da cidade vai diminuindo a quantidade de terrenos destinados à sua produção. Deste facto grave resulta, que a diminuição das hortaliças nos mercados municipais traz a alta de preços tanto mais que a população da cidade aumenta constantemente e a produção de hortaliças diminui paralelamente. Infere-se assim desta circunstância, que se devem tomar medidas eficazes que atenuem os desastrosos efeitos de uma situação que dia a dia mais se agrava. Parecia-nos, pois, que este assunto não devia ser posto de parte por princípio algum, visto que as classes populares sentirão ainda mais agravar-se a sua vida económica se não se tomarem providências. Não se tem feito, como seria para desejar, esforços de maior para evitar este mal latente, alargando-se a área de produção de hortaliças e legumes nos arredos.

Os amigos de "A Batalha,"

Desde o inicio da sua publicação, tem "A Batalha" vindo recebendo inúmeras e cativantes provas de simpatia de muitos dos seus leitores e amigos da causa operária, amontando-se sobre a nossa mesa de trabalhos cartas e telegramas de vários pontos do país, felicitando-nos e apetecendo-nos as máximas prosperidades. Todos os nossos obsequiosos correspondentes da província têm também iniciado as suas correspondências com saudações fervorosas a "A Batalha", reagisando-se com o seu aparecimento. Entre as saudações que "A Batalha" têm sido dirigidas, muitas seriam destinadas pelos seus autores à publicação destas colunas, e algumas delas dignas seriam de publicidade. Como, porém, a seleção desgostaria aqueles que não eram publicados os seus artigos, adotamos, como o critério mais justo, a resolução de não publicar nenhuma, agraciando a todos, sem exceção, com o mesmo entusiasmo e o mesmo afôto, as suas boas palavras de incitamento.

A imprensa, tanto os grandes rotativos como os jornais operários e de propaganda social, que noticiaram o aparecimento de "A Batalha" com palavras amigas, só tem também devedores do maior reconhecimento, não fazendo citações para não cometê-los, involuntariamente, qualquer omissão.

Para realizar o seu programa, "A Batalha" fez apelo à élite intelectual e o seu concurso está assegurado, de fórmula tal que a colaboração de "A Batalha" fará pelas variedades, escolha e autoridade dos colaboradores que a honraram com a sua assinatura.

Além da colaboração solicitada a quantos, entre nós, à causa da emancipação social têm prestado o seu valioso concurso intelectual, propagando e defendendo com a pena as reivindicações proletárias, outra nos tem sido exponencialmente oferecida, e que gratamente aceitamos pois não só teda a cooperação sincera, venha donde vier, é por nós acolhida com prazer, como querendo que "A Batalha" seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade, os nossos colaboradores têm nestas colunas a ampla liberdade de pensamento, cabendo a responsabilidade dos artigos assinados exclusivamente aos seus autores, salvo expressa adesão nossa às ideias por elas expostas.

Entre as pessoas que gentilmente nos vieram oferecer a sua colaboração, temos a citar o professor sr. Tomaz de Noronha e o sr. Aníbal de Vasconcelos Mourão Passos, director da Escola Normal de Lisboa, ao Calvario, cuja carta

Vida Sindical

Comunicações

Associação Mixta dos Operários de Sacavém. — Os operários oleiros da fábrica de louça desta localidade, em virtude da falta de cumprimento das condições de trabalho, o que deu origem ao despedimento de um camarada, reuniram no dia 3 do corrente para apreciar esse assunto, resolvendo nomear uma comissão para tratar do conflito e abandonar o trabalho, até que este seja solucionado, deliberando ainda dirigir uma representação ao industrial e estarem em sessão permanente.

Convocações

Pessoal Extraordinário dos Tabacos. — A comissão administrativa reuniu, hoje, em sessão extraordinária, pelas 20 horas, pedindo a comparecência de todos os seus membros, e também da comissão que trata da questão dos lucros, a fim de se resolverem assuntos urgentes e imediatos.

Comissão Inter-Sindical da Construção Civil. — Per só ter comparecido, na última reunião, a comissão administrativa, motivo porque se não pôde deliberar, são novamente convocados os delegados para hoje, às 21 horas.

Transportes para África

No gabinete dos reporters do Governo Civil foi recebido o seguinte telegrama:

BENGUELA, 1. — O novo serviço de vapores parece excelente, mas há verdadeiro alarme em Benguela, Loanda e Moçambique, testas das três importantes linhas ferreas, com mais de 1.200 km. metros. Falta garantir ao menos um rápido, por que toca em Lobito, Loanda e Moçambique. Tendo sido estabelecidas importantes relações comerciais em Lourenço Marques e Cabo, temos que garantir a segurança das viagens, a tempo, a tempo, mercadorias, esperando transporte, e dímos pelo menos um rápido mensal, que se deve espacar para dezenas toneladas de carga, compensando assim qualquer aumento de despesa, para o serviço regular, garantido, para orientação comercial, (as) Ernesto Vilhena, pela Câmara Municipal e Associação Comercial e Maestro Machado, pela Companhia Belaia.

Atropelado por um automóvel

Para a enfermaria 1 (Santo Onofre) entrou José Maria Campos, de 58 anos, canteiro, morador na rua Simão Veríssimo Dias, letra D, que no Largo de Camões, foi atropelado por um automóvel ficando ferido no pé esquerdo.

Brinca-deira de mau gosto

Para a enfermaria 4 (S. António) do Hospital de S. José, entrou Antonio Francisco Sobeiro, de 25 anos, trabalhador, residente na Azambuja, ferido por um tiro de pistola por um sargento na qual destacado, por não ter obedecido a uma intimação deste militar quando, em brinca-deira, corria sobre um camarada de trabalho.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceram ontem e repartem-se hoje as seguintes pessoas: Frederico Salgado Dias, saindo o funeral às 13 horas, da igreja do Coração de Jesus; D. Adelada Maria da Conceição Marques Custódio da Silva, às 12, da Palma de Cima; 13. Giordano Neto de Moraes, falecido, na 16 da Praça da Santa Isabel para o cemitério oriental; 26.6 Costa Sampayo, às 15, da avenida Duque de Loulé, 26 para o cemitério oriental, e dr. Ludgero Neves, professor da Faculdade do Direito, às 14, da avenida Duque de Loulé, 90, 2 o, para o cemitério oriental.

Vítima de um congresso, faleceu às 4 horas de ontem, o conhecido revolucionário Miguel da Costa Gáia, que, ainda na pousa, no assalto ao forte de Monsanto, se tinha evidenciado, ficando ferido. Deixa 3 filhos menores. Não está ainda determinado quando se efectuará o seu funeral.

NACIONAL

Amanhã — Quinta-feira

Prosegue na sua gloriosa carreira

O ÚLTIMO BRAVO

A mais graciosa das peças

Queda desastrosa

Para a enfermaria 4 (Santo António) do hospital de S. José entrou Narciso Rodrigues, de 27 anos, descarregador, residente na rua Vale Formoso de Cima, padeo do Leal, que na Calçada do Grilo deu uma queda, ficando muito contuso pelo corpo.

Presos políticos

A Associação de Classe dos Operários de Construção Civil de Barreiro, resolvendo, na sua última assembleia geral, saudar a "Batalha" e adquirir 5 acções.

A Associação de Classe dos Pintores de Construção Naval e Anexos resolveu também na sua última assembleia adquirir 5 acções do jornal "A Batalha".

A comissão dos operários ex-contratados das colónias, e da Portugal Esperantista Socialista Associação, recebeu os ofícios, em que em termos cativantes, é sando com carinho o jornal "A Batalha". Agradecemos

Em Linda-a-Pastora

Dizem-nos desta localidade que, nas obras da fortaleza, ali em construção, sob a direcção de uma junta autónoma, não respeitam o aumento de salário conquistado em maio do ano passado, pois que os carpinteiros ganham 1.550 e os pedreiros 1.540, quando deviam ganhar muito mais, devendo-se isso a um sr. Alves, apontador dessa obra que, arvorando-se em dono, e para evitar reclamações, por diferentes vezes tem distribuído várias quantias ao abrigo a título de gratificação ao pessoal. Contra estes casos protestam, esperando que rendo que "A Batalha" seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade, os nossos colaboradores têm nestas colunas a ampla liberdade de pensamento, cabendo a responsabilidade dos artigos assinados exclusivamente aos seus autores, salvo expressa adesão nossa às ideias por elas expostas.

Na enfermaria M.2 A do Hospital de Santa Marta, deu entrada João Coelho de 30 anos, canteiro, residente na Calçada Agostinho Carvalho 46.2., que tem suicidado-se por envenenamento, no Banco do Hospital de S. José foi feita a lavagem do estomago a Elisa de Jesus, 19 anos, costureira, residente na Calçada Agostinho Carvalho 23 loja, que ingeriu uma porção de tintura de cido

Tentativas de suicídio

Na enfermaria M.2 A do Hospital de Santa Marta, deu entrada João Coelho de 30 anos, canteiro, residente na Calçada Agostinho Carvalho 46.2., que tem suicidado-se por envenenamento, no Banco do Hospital de S. José foi feita a lavagem do estomago a Elisa de Jesus, 19 anos, costureira, residente na Calçada Agostinho Carvalho 23 loja, que ingeriu uma porção de tintura de cido

— A carestia da vida continua a aumentar nesta vila, tendo-se chegado a vender uma dúzia de carapau mimo, por 40 centavos, e umas marmotas por 3 a 4 escudos. A carne e o peixe não estão ao alcance do bolso do consumidor e as batatas escasseiam, vendendo-se as poucas que há a 20 centavos o quilo. O açucar é distribuído por senhas, sendo o pão mal cozido e caro.

Centro Socialista — Carestia da vida

CASSCAIS, 28. C. — O Centro Socialista

desta vila vai inaugurar uma biblioteca com cerca de 500 volumes, sendo a colecção de 20 centavos mensais.

— A carestia da vida continua a au-

mentar nesta vila, tendo-se chegado a

vender uma dúzia de carapau mimo,

por 40 centavos, e umas marmotas por

3 a 4 escudos. A carne e o peixe não

estão ao alcance do bolso do consumidor

e as batatas escasseiam, vendendo-se as

poucas que há a 20 centavos o quilo. O

azeitar é distribuído por senhas, sendo

o pão mal cozido e caro.

Centro Socialista — Carestia da vida

ANJOS — A. 28. 30 — A noite do ani-

matógrafo — Revista semanária.

ANJOS — A. 28. 30 — A quinta, sábados e

domingos — Revista semanária, a ani-

matógrafo.

CHIADO TERRASSE — Animação e con-

certo.

COLISEU DE LISBOA — A. 21 — Cinema colo-

sal e ilusionismo.

ANJOS — A. 28. 30 — A's quintas, sábados e

domingos — Revista semanária, a ani-

matógrafo.

CHANTECLER — Animação e fitas faladas.

OLYMPIA

Matinée ás 2 horas

LÉA — 4 actos de Karren

às 3 horas:

O CONDE DE MONTE CRISTO

1.º, 2.º, 3.º e 4.º epis. — 13 partes

às 7 horas:

A conquista de Paris, 3 p.

Das 8 à meia noite:

ESTREIA

da 6.ª época do

Gonde de Monte Gristo

A Desforra de Dantès, 3 p.

Exibindo-se também a 5.ª época

A Conquista de Paris, 3 p.

— MAGNIFICO CONCERTO

—

Atropelamento

Sob um carro eléctrico fica gravemente contusa uma rapariga de 14 anos

Quando ontem, pelas 18 horas, Alberto

de Jesus Gonçalves, 14 anos, filha

de Lourenço Gonçalves e de Rosária de Jesus Gonçalves, residente

na travessa Gaspar Trigo, 16, andava

mascareada, brincando na Avenida da

Liberdade, ao atravessar a rua em fren-

te do sítio da Companhia das Águas,

foi atropelada pelo carro eléctrico n.º

404, da carreira da Estrada, que des-

ceguia a Avenida, guiado pelo guarda-

freio n.º 1:463 José Joaquim Bernardo,

que se evadiu.

O corpo da pobre rapariga foi tirado

de sob o carro pelos bombeiros munici-

ciais 39 e 162, sendo, para isso, necessá-

ário o povo levantar o carro. Conduzi-